

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**FRACASSO ESCOLAR NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: a persistência de uma velha questão**

**São Gonçalo (R J)  
2008**

O FRACASSO ESCOLAR NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: a  
persistência de uma velha questão

ELABORADO POR

**ROSA MARIA RIBEIRO TAVARES**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**1º semestre de 2008**

**O FRACASSO ESCOLAR NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: a  
persistência de uma velha questão**

Trabalho monográfico elaborado como  
requisito parcial para a obtenção de  
Licenciatura em Pedagogia, da  
Faculdade de Formação de Professores,  
da Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro.

**São Gonçalo, 15 de julho de 2008**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 CAPÍTULO - Fracasso Escolar na séries iniciais do ensino fundamental: a persistência de uma velha questão .....</b>	<b>11</b>
<b>2 CAPÍTULO - A pesquisa e seus caminhos metodológicos.....</b>	<b>16</b>
<b>3 CAPÍTULO - Aprofundando algumas reflexões.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 A relação entre fracasso escolar e a aprendizagem da leitura e da escrita.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2 A família e o desempenho escolar.....</b>	<b>31</b>
<b>3.3 A pobreza e o fracasso escolar.....</b>	<b>36</b>
<b>3.4 A Culpa do aluno.....</b>	<b>42</b>
<b>3.5 A culpa do sistema educacional.....</b>	<b>46</b>
<b>4- CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....</b>	<b>49</b>
<b>5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....</b>	<b>50</b>
<b>6- ANEXOS:.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

Desde o ano de 1994, eu venho trabalhando ministrando aulas de reforço-escolar sendo assim, o fracasso escolar passou a fazer parte do meu dia-a-dia. Por isso senti a necessidade de aumentar meus conhecimentos sobre as possíveis causas que afetam o aprendizado na escola. Esse foi um dos motivos pelo qual realizei esse trabalho de pesquisa, pois creio que o mesmo poderá contribuir para apontar possíveis causas do fracasso escolar e caminhos para a superação, de um problema que causa tanto sofrimento e tantas frustrações para crianças, pais, e professores especialmente das escolas públicas.

Todos os pais ou responsáveis que solicitam o meu trabalho têm em comum um problema: uma criança que não está conseguindo aprender na escola. Eu recebo essas crianças e estabeleço com elas uma relação de ensino, confiança e aprendizado. Nessa relação, procuro conversar com elas e ouvi-las, com a intenção de descobrir porque elas não estão aprendendo na escola. Já ouvi muitas justificativas, mas as mais comuns são:

*Não gosto da escola, a tia passa muitos exercícios e eu não consigo fazer, ela não deixa ir ao banheiro e beber água, e outros.*

Todas essas crianças apresentam dificuldades de entender os conteúdos escolares ou as explicações de seus professores. A meu ver o conteúdo escolar precisa ser muito bem explicado, é preciso repetir várias vezes a mesma coisa, às vezes mudar o método de ensino e aplicar muitas atividades de fixação (tem sido assim que eu tenho obtido sucesso) na maioria dos casos. Mas existem algumas crianças, que apesar de todo meu esforço não aprendem os conteúdos escolares. Entendo que a questão não está na metodologia, porque se por um lado a metodologia que tenho usado, numa perspectiva tradicional, não dá conta de ensinar todas as crianças que recebo, por outro lado, também tem sido tema de muitas discussões e pesquisas os índices de fracasso escolar por professores que trabalham com outras metodologias como, por exemplo, o construtivismo.

E foi por isso que eu senti a necessidade de aprofundar os meus conhecimentos sobre as possíveis causas que impedem essas crianças de aprenderem os conteúdos escolares. Eu observo que elas aprendem outras tarefas sem dificuldades, e que na maioria das vezes, essas crianças aparentemente não apresentam problemas de saúde ou motivos que justifiquem tal situação.

Dados publicados no Jornal de Brasília mostraram que no ano de 2003 um terço dos estudantes brasileiros, da primeira série do ensino fundamental foi reprovada ou abandonou o sistema escolar.

O número é alarmante, tanto pela sua dimensão, quanto pela exclusão social provocada. A reprovação representa um enorme custo para o Estado e para a sociedade. Custos econômicos e humanos.

De uma forma simbólica os estudantes reprovados estão sendo informados da sua inaptidão para o aprendizado.

Diversos são os fatores que têm sido associados ao desempenho escolar e ao fracasso ou sucesso escolar, alguns estão situados no âmbito da escola, e outros dizem respeito à vida econômica social e cultural dos estudantes. *As crianças que não aprendem na escola estão confinadas em uma forma contemporânea de institucionalização, uma institucionalização invisível, fora do foco das luzes.* (Moysés, 2001 p. 10).

As crianças que não aprendem na escola ficam marcadas para a vida inteira como aquela pessoa que não foi capaz de aprender na escola.

Sabe-se que a cada dia aumenta a competitividade no mercado de trabalho. Então, as crianças que fracassam e são excluídas da escola provavelmente quando forem adolescentes terão muita dificuldade de arrumar emprego. Os jovens desempregados e fora da escola ficam desmotivados e sem perspectiva para o futuro. Essa situação pode levá-los para caminhos obscuros.

Há também a frustração da família quando seus filhos não aprendem e abandonam a escola. Os pais matriculam seus filhos na escola, cheios de esperanças esperando que eles tenham sucesso na escola, e através do aprendizado possam ter uma vida promissora. É doloroso para os pais ter que aceitar o fracasso dos filhos na escola.

O fracasso escolar não é só do estudante é também da família e da sociedade. Pensando em todos esses males causados pelo fracasso e a exclusão da escola, e no meu

papel na sociedade, e na minha formação de professora, senti sem dúvida o desejo e a necessidade de pesquisar e conhecer melhor esse tema. Acredito que o meu trabalho de pesquisa será de grande utilidade para o aperfeiçoamento de minha prática docente e também poderá contribuir para a discussão sobre a educação.

A presente pesquisa teve como objetivo investigar, em caráter exploratório, as possíveis causas do Fracasso Escolar.

No primeiro capítulo, *Fracasso escolar: revisitando uma velha e persistente questão* busquei levantar as questões mais polêmicas apontadas pelos professores como causas do fracasso escolar, confrontando-as com as análises de vários pesquisadores sobre a temática.

No segundo capítulo apresento *A pesquisa e seus caminhos metodológicos*. Aponto as etapas do trabalho, que começou dentro da sala de aula no Curso de Pedagogia a partir da discussão sobre as causas do fracasso escolar que me instigaram a buscar uma reflexão mais ampla. Orientada pela prof<sup>a</sup> da disciplina Pesquisa em Educação fiz uma revisão bibliográfica sobre a temática, formulei um questionário, escolhi o local e iniciei a pesquisa de campo.

No terceiro capítulo *Aprofundando algumas reflexões.....*coloquei em discussão algumas das explicações mais significativas para o fracasso escolar que encontrei na pesquisa tais como: a família e o desempenho escolar; a pobreza e o fracasso escolar; a culpa é do aluno no fracasso escolar e o papel do sistema educacional na produção do fracasso escolar.

Em minhas conclusões finais aponto que não há um único responsável pelo fracasso escolar, mas que através da união da comunidade com a escola podem ser encontrados caminhos que levam a possíveis soluções.

## 1 CAPÍTULO

### **Fracasso Escolar no ensino fundamental: revisitando uma velha e persistente questão**

De acordo com o artigo publicado no Jornal de Brasília, por Araújo e Luzio, os números na educação do Brasil de 2003 revelam que a taxa de repetência na primeira série do ensino fundamental é de 30,8% e na segunda série é de 19,8%. Esses índices são elevados e constituem um sério problema para a educação.

O artigo citado acima mostra que as chances de repetência são maiores no Nordeste e no Norte do Brasil. Quase 11% dos alunos da região mais rica do país (Sudeste) refazem a primeira série do ensino fundamental. Na região mais pobre do país (Nordeste) o número é de 43%. No Norte é de 48%.

Esses números demonstram que as oportunidades educacionais não são iguais em todo o país.

O fracasso escolar pode ser entendido como negação da cidadania na medida em que a população não tem acesso aos bens universalmente distribuídos. Ser cidadão é ter direitos (Valla, 1994,p.66)

A citação acima mostra que o fracasso escolar exclui o cidadão de seus direitos, não podemos aceitar uma escola seletiva que colabora para que haja pessoas analfabetas.

Muitos estudos têm sido feitos acerca do fracasso escolar, uns se concentram na situação sócio econômica e cultural, outros no próprio aluno, outros na família, há os que culpabilizam as desigualdades sociais etc.

Autoras como Patto (1990), Bramowics e Mool (1997) mostram que o fracasso escolar tem suas origens na situação sócio econômica e cultural.

Os alunos que fracassam vivem em ambientes diferentes da escola e tem enorme dificuldade de se adaptar à escola.

Lahire (apud Lobo e Carvalho) afirma que.



O sucesso ou o fracasso escolar dos alunos pode estar ligados, no maior ou menor grau em que as formas de relações sociais que vivenciam se adequavam àquelas as quais terão de adaptar-se na escola”.( 2005, p. 78 )

O trecho anterior defende que a falta de adaptação na escola pode causar o fracasso escolar.

Como afirma Patto (1990), *crianças muito pobres, filhas de pais analfabetos e que moram em bairros ou favelas muito pobres encontram-se em realidades diferentes da escola.* (p. 26).

A autora relata que a escola pública não aceita a criança como ela é e a criança não aceita a escola como ela se apresenta.

Logo notamos que há um conflito entre a cultura da criança e a cultura da escola. A escola tenta mudar a criança, impondo suas normas, mas é difícil para a criança deslocar-se de sua maneira de ser, de se tornar diferente de seus familiares convivendo com eles.

A mesma autora, em *Introdução a Psicologia Escolar* afirma:

A escola pública tenta fazer a sociedade se adaptar a ela, mas deveria ser diferente a escola é que tem que se adaptar a sociedade. Na luta pela escola pública, o povo ainda não é o vencedor. Não há escola para todos e os que conseguem entrar na escola, a maioria não conseguem ficar nela. A escola pública rejeita as camadas populares. Pois a escola não fala a mesma linguagem que as classes populares falam. (idem,1997, p. 18 )

Com relação à linguagem percebemos que as crianças que moram em bairros pobres e favelas possuem uma linguagem coloquial e com muitas gírias, mas é essa a linguagem delas e é nessa linguagem que as coisas têm sentido cognitivo para elas. Quando chegam na escola e deparam com a língua culta não entendem o que ouvem e as palavras podem perder ou mudar o significado.

Mas é obrigação da escola mudar essa situação e resolver esses problemas se as crianças quando chegam à escola não sabem falar a língua da escola, a escola tem que aprender a falar a língua das crianças para que possa haver a comunicação que é indispensável na relação professor-aprendizado -aluno.

Para os que dizem que a culpa é da criança, Colares e Moysés (1996) mostram o resultado de uma pesquisa que perguntou: *De quem é a culpa do fracasso escolar?* Os entrevistados foram diretores e professores de escolas públicas. Aparece em primeiro lugar a culpa é da criança e em segundo a culpa é da família. Esses profissionais atribuíram às crianças problemas de saúde, desnutrição e falta de interesse e outros.

Na pesquisa aferida por Moysés (idem) a escola e os professores normalmente colocam a culpa do não aprendizado nas crianças atribuindo a elas doenças biológicas, desnutrição, problemas familiares e outros. Porém, ela como autora médica e educadora pesquisou e concluiu que esse não é o motivo responsável pelo fracasso escolar, e sim o sistema educacional. E afirma:

Se olharmos a evolução dos indicadores de desempenho da escola brasileira nas últimas décadas, podemos nos fixar em apenas dois momentos históricos. No início dos anos 1940, 65% das crianças de uma geração tinham acesso á escola; dessas, 60% eram reprovadas na primeira série do antigo curso primário. No início dos anos 1990, existindo muito mais crianças, 93% delas conseguem entrar na escola, mas 54% são reprovadas na mesma primeira série (Ribeiro, apud Moysés, 1991; 1993, p.57).

A autora aponta ainda que a fala de muitas autoridades governamentais e profissionais, deslocando o eixo de análise, dão visibilidade à criança e tornam a escola invisível. *Tem-se muitas vezes, a impressão de que a escola brasileira seria vítima de uma clientela inadequada.* ( Moysés, 2001, p. 58 )

No dia-a-dia observamos que crianças que não aprendem na escola aprendem, muito bem, as brincadeiras, as regras dos jogos, as tarefas domésticas e realizar trabalhos que dependem de muito raciocínio.

Vou citar como exemplo o meu sobrinho que tem 14 anos de idade e não teve sucesso na escola, então abandonou a escola com 13 anos. Ele trabalha com o pai que é vendedor ambulante e é feirante, sabe vender, receber e dar o troco sem nenhum problema. O problema do meu sobrinho não é aprender e sim aprender na escola.

No site [www.fab.br](http://www.fab.br), Jean Hebrard declara que os currículos brasileiros são elaborados para os herdeiros de uma cultura letrada e não para filhos de analfabetos

È verdade que há uma diferença entre uma criança que nasce e cresce em uma família letrada e que tem o hábito de ler. Essa desde pequena envolve-se com livros, revistas, jornais e outra criança, filha de analfabetos que normalmente não tem contato com as letras. Logo essas crianças podem ter mais dificuldades de aprender na escolar.

Na pesquisa citada anteriormente, realizada pelas autoras Colares e Moysés (1996) aparece em segundo lugar, como culpado pelo fracasso escolar, a família. A escola culpa as famílias pelas atividades de casa sem fazer, alega que as famílias são desestruturadas (separação, alcoolismo, prostituição) e que as crianças têm problemas em casa.

Em geral, a escola toma como base um padrão de família, em que há um casal, marido mulher, e filhos legítimos de ambos, em que o esposo trabalha e a esposa fica em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos, para caracterizar o que seria uma "família desestruturada".

Na atualidade, principalmente para as classes populares os salários na maioria das vezes são insuficientes para suprir as necessidades básicas de uma família e há também o desemprego. Além desses problemas existem os lares em que os pais são separados e os filhos são criados pelas mães, todos esses motivos fazem as mulheres deixarem seus lares e seus filhos para trabalhar fora de casa e quase sempre não têm com quem deixar as crianças que acabam ficando sozinhas em casa ou com irmãos com um pouco mais de idade, sem uma pessoa responsável para ensinar as atividades de casa e lembrá-las de ir a escola todos os dias.

Eu tenho dois filhos que estudam em escolas públicas, e já ouvi muitas vezes em reunião de pais, que crianças que têm problemas na família não aprendem na escola.

Porém não se sabe o que os professores consideram “problemas de família.” Com o passar dos tempos, a queda de algumas barreiras preconceituosas e o aumento das dificuldades financeiras trazidas pelo sistema capitalista, que deixa muitas pessoas desempregadas, principalmente as mais pobres e mal escolarizadas, as famílias vêm se modificando, hoje temos vários tipos de famílias. A realidade dessas famílias nem sempre se encaixam nos modelos conceituais padronizados pela sociedade. Logo tudo que não está de acordo com os conceitos sociais é considerado desestruturado.

E quando em uma família tem um problema como, por exemplo, o alcoolismo causando brigas e desentendimentos, nem sempre esses problemas afetam o aprendizado de uma criança.

Eu ministro aulas de reforço escolar para crianças com problemas de aprendizagem na escola, e no meu dia-a-dia tenho convivido com crianças e suas famílias e observo que quando há um problema como o que citei acima ele pode ou não atrapalhar o aprendizado, isso depende da forma como a criança reage diante da situação que está vivendo.

Vou citar um exemplo, eu estou tentando alfabetizar um menino de onze anos, vou chamá-lo de Paulo. No lar de Paulo também reside o irmão de nove anos. Há dois anos o pai desses meninos foi morto, assassinado em uma chacina no Rio de Janeiro. Hoje eles vivem com a mãe e o padrasto. A mãe reclama que o padrasto não tem paciência com eles e não gosta de sair com eles. E por isso eles brigam muito. Essas crianças além de ter perdido o pai em circunstâncias trágicas, vivem em uma situação instável em casa, pode se entender que nesse caso existe realmente um problema. Mas são dois meninos e só o Paulo apresenta problemas de aprendizado. O irmão de nove anos está na 3ª série do ensino fundamental e não repetiu nenhuma série. Vai muito bem na escola.

Diante de fatos como esse é difícil afirmar que uma criança não está aprendendo porque há um problema na família. Mas seja qual for o motivo do não aprendizado a escola tem que encontrar meios para a criança aprender.

## **2 Capítulo**

### **A pesquisa e seus caminhos metodológicos**

A pesquisa teve como base a Escola Estadual CIEP nº 408 Sérgio Cardoso, localizado na rua Julio Verne s/n no bairro de Trindade São Gonçalo Estado do Rio de Janeiro e nas residências de alguns alunos dessa escola, incluindo também as residências dos meus alunos de reforço escolar que pertencem a várias escolas.

Iniciei a pesquisa de campo orientada pela leitura e debate do texto “ O método nas ciências naturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa” de Alves-Mazzotti e Gewandsnyder (1998) em sala de aula, com a professora Clarice Nunes. Este texto mostra que as teorias à priori não abarcam as múltiplas realidades que emergem em uma investigação, então o pesquisador deve iniciar sua pesquisa aberto a todas as possibilidades e construir teorias a partir da investigação.

No CIEP Sérgio Cardoso, utilizando formulários abertos e fechados, entrevistei profissionais da educação sobre o espaço escolar, o período de aula diário e as causas do fracasso escolar. Essas questões foram escolhidas com base nas leituras dos livros "Linguagem e Escola numa perspectiva Social" (Soares 2001.), “Apostila Degrau Cultural” reproduzida do livro CIEP de Darcy Ribeiro 1985, "A Produção do Fracasso Escolar" (Patto,1990) e "Instituição Invisível" (Moysés, 2001)

Nas residências próximas à escola entrevistei 20 alunos e suas famílias, dentre estes 10 com bom rendimento e 10 com mau rendimento escolar com o objetivo de confrontar os dados obtidos que sugerissem possíveis causas do fracasso escolar. Fiz perguntas, dentre outras sobre a situação econômica, social e financeira da família da criança, sobre problemas de saúde da criança, sobre o apoio do adulto às atividades escolares em casa e sobre quem era o responsável pelo sucesso ou insucesso escolar. As questões direcionadas aos alunos e suas famílias também foram orientadas pelas leituras dos textos citadas anterior e o debate do tema em sala com a professora Clarice Nunes.

Escolhi essa escola porque ela está localizada numa comunidade carente social e economicamente, da qual faço parte, considerando que um relacionamento mais estreito seria útil ao meu trabalho.

Mesmo assim encontrei algumas dificuldades, às vezes a mãe estava em casa, mas a criança não, outra hora era o contrário. Outras vezes a mãe não quis dar entrevista, ou mesmo responder algumas questões como, por exemplo, sobre a renda familiar.

### **Tabulação dos questionários**

#### **Questionários destinados aos profissionais da educação**

- 1- O período de aula diário é suficiente para o professor ministrar o conteúdo programado?  
 2 - O período do ano letivo é suficiente para o professor ministrar todo o conteúdo programado?

<b>TEMPO</b>	<b>DIÁRIO</b>	<b>ANO LETIVO</b>
<b>SIM</b>	10	08
<b>NÃO</b>	0	01
<b>DEPENDE DA TURMA</b>	0	01
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>10</b>

Responderam sim todos os entrevistados, será porque o Ciep 408 trabalha em período integral? Essa é uma possibilidade de resposta, porém sabemos que nem sempre é exatamente assim, porque normalmente há imprevistos como a falta de professor, a falta de água na escola que acaba por encurtar o tempo de aula e mandando as crianças mais cedo para casa.

- 3- O espaço na sala de aula é adequado ao trabalho do professor?

<b>ADEQUAÇÃO DO ESPAÇO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
	10	-

Em relação a essa questão a afirmativa já era esperada, já que a arquitetura dos Cieps garante salas amplas e espaçosas.

4- O material didático (livros doados pelo poder público) é suficiente para todos os alunos? e de boa qualidade?

<b>OS LIVROS DIDÁTICO SÃO DE BOA QUALIDADE</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
	06	04

Das professoras que responderam afirmativamente à questão, duas delas fizeram as seguintes observações:

*Temos livros sim, mas seriam necessários outros materiais extra- classe. Além dos livros precisamos de muitos outros materiais necessários para realizar um trabalho com eficácia.*

Os que responderam que os livros didáticos não são de boa qualidade e em quantidade suficiente para atender a todos os alunos, também reclamaram da falta de outros materiais necessários no dia –a- dia para desenvolver um bom trabalho.

5- Qual a sua opinião sobre a organização em ciclos?

<b>ORGANIZAÇÃO EM CICLOS</b>	<b>CONTRA</b>	<b>A FAVOR</b>	<b>NÃO RESPONDEU</b>
	08	01	01

Nesse item a maioria respondeu que não concorda, e justificaram:

*Foi, mas um paliativo criado para mascarar o problema da reprovação e que não resolveu o problema. Não nos ajuda em nada. Se tiver suporte de outras áreas pode até dá resultado, mas são exceções.*

Os demais apenas responderam que são contra.

6- Em sua opinião o que mais prejudica o aprendizado na escola?

<b>o que mais prejudica o aprendizado na escola</b>	saúde problemas psicológicos	colaboração da família	pobreza	sistema Educacional
	05	07	02	07

Nesse item os professores marcaram várias opções, sendo que o sistema e educacional e a falta do apoio familiar à escola empataram como as questões centrais na produção do fracasso escolar.

**Questionário** com respostas dos alunos com bom e mau rendimento escolar das séries iniciais do ensino fundamental.

Para efeito da análise, considerei como mau rendimento escolar a repetência em mais de uma série, porque conversando com professores da rede pública eles me informaram que a criança repetir uma série não significa mau rendimento escolar e que muitas vezes a criança repete porque ficou doente, ou porque não pôde freqüentar todo o período letivo por diversos motivos. Então começa a se pensar em problemas com o aprendizado quando a criança repete mais de uma série.

### 1 - Qual a faixa etária?

Faixa Etária	Bom Rend.	Nove anos	Dez anos	Onze anos	Doze anos	Treze Anos	Quatorze anos	Total
		01	05	04				10
	Baixo Rend.	01	01	01	04	01	02	10



### 3 - Sexo

Sexo	Bom Rendimento	Feminino	Masculino	Total
		05	05	10
Baixo Rendimento		04	06	10

### 4 - As crianças têm problemas de saúde?

Problemas de saúde	Bom Rendimento	Sim	Não	Total
		0	10	10
Baixo Rendimento		01	09	10

### 5 - Com quem a criança mora?

Moram	Bom Rendimento	Pai e mãe	Pad. mãe	mãe	avós	Total
		08	01	01		10
Baixo Rendimento		02	06		02	10

### 6 - A mãe ou o responsável trabalha fora de casa?

Trabalha fora de casa	Bom Rendimento	Sim	Não	Total
		02	08	10
Baixo Rendimento		05	05	10

### 7 - Quem é responsável pelo bom rendimento escolar do seu filho?

Respon ável.	Pelo Sucesso Escolar	A criança	As aulas de reforço.	Esforço da família	Prob. de saúde	Prob. De Família	Total
		08	01	01			10
	Pelo Insucesso	08			01	01	10

### 8 - A criança tem alguém que ajuda nas atividades escolares em casa?

Tem ajuda em casa	Bom Rendimento	Sim	Não	Total
		08	02	10
	Baixo Rendimento	02	08	10

### 9 - Qual a renda familiar?

Renda Familiar	Bom Rendimento	Mais de 1 salário	Mais de 2 salários	Mais de 3 salários	Mais de 4 salários	Não Respondeu	Total
		01	04	03	02	0	10
	Baixo Rendimento	03	4	02		01	10

### 10 - Gostam da escola?

Gostam da escola	Bom Rend.	Sim	Não	Total
		09	01	10

	Baixo Rend.	06	04	10
--	-------------	----	----	----

### 11 - Gostam da professora?

Gostam da professora	Bom Rend.	Sim	Não	Total
		09	01	10
	Baixo Rend.	06	04	10

### 12 - Para que serve aprender ler e escrever?

Para que serve aprender ler e escrever	Bom Rend.	Para ter um futuro melhor	Para ter uma boa profissão	Não sabe	Para arrumar emprego	Para nada	Total
		04	06				10
	Baixo Rendimento	01		06	02	01	10

### 13 - Brincam na escola?

Brincam na escola	Bom Rend.	Sim	Não	total
		08	02	10
	Baixo Rend.	06	04	10

### 14 - Frequentam cinema?

Foram ao	Bom Rend.	Sim	Não	Total
----------	-----------	-----	-----	-------

cinema		08	02	10
	Baixo Rend.	05	05	10

### 15 - Quantos gostam de ler histórias?

Lêem histórias	Bom Rend.	Sim	Não	Total
		10	0	10
	Baixo Rend.	03	07	10

### 16 - Ajudam nas tarefas domésticas?

Ajudam no trabalho em casa	Bom Rend.	Sim	Não	Total
		05	05	10
	Baixo Rend.	06	04	10

### 17 - Trabalham fora de casa?

Trabalham fora	Bom Rend.	Sim	Não	Total
		0	10	10
	Baixo Rend.	01	09	10

### Algumas análises preliminares:

Uma análise preliminar dos dados anteriores me permitiu fazer algumas inferências mais gerais sobre as diferenças entre os alunos que apresentam bom rendimento escolar dos que apresentam mau rendimento, buscando entender até que ponto essas diferenças podem ser consideradas como causadoras do sucesso ou do insucesso escolar.

1 - Comparando os dados da pesquisa percebemos que os alunos com bom rendimento escolar concluem as séries iniciais até os 11 anos de idade, mas dentre os de baixo rendimento há alunos com 14 anos ainda cursando as séries iniciais.

2 - Quanto ao sexo a proporção meninos - meninas foi igualitária tanto entre os alunos com bom rendimento, quanto entre os alunos com mau rendimento, este item não apresenta nenhuma diferença.

3 - Quanto aos problemas de saúde, dentre as crianças com bom rendimento escolar não apareceu nenhum, mas dentre as crianças com baixo rendimento escolar apareceu 1 criança que a mãe e a escola supõe que o problema do aprendizado está associado a um problema de saúde, mas que ainda não está diagnosticado por um profissional da saúde.

4 - Quanto a moradia das crianças, dentre as que apresentam bom rendimento escolar 8 moram com pai e mãe, 1 com a mãe e padrasto e 1 com a mãe, mas dentre as crianças que apresentam baixo rendimento 6 moram com a mãe e o padrasto 2 com pai e mãe e 2 com os avós.

5 - Quanto ao fator trabalhar fora de casa dentre as crianças com bom rendimento escolar 2 mães trabalham fora do lar e 8 não, mas com as crianças de mau rendimento escolar 5 mães trabalham fora do lar e 5 não.

6 - Quanto ao desempenho, dentre os responsáveis pelos alunos com bom desempenho escolar, 8 deles atribuem o sucesso escolar ao próprio aluno, 1 às aulas de reforço escolar e 1 ao esforço da família. Dentre os alunos com baixo rendimento escolar 8 deles atribuem o insucesso ao próprio aluno, 1 aos problemas de saúde e um aos problemas de família. A mãe que atribui o mau rendimento aos problemas de família diz que o filho repetia porque ela trabalhava fora de casa e a pessoa que cuidava da criança não ensinava os deveres de casa, mas que agora ela não está trabalhando mais fora de casa e está ensinando os deveres de casa e a criança melhorou muito.

7 - Quanto à ajuda nas tarefas de casa, dentre as crianças com bom rendimento escolar 8 delas tem um membro da família que auxilia nas atividades escolares de casa. e 2 não tem, mas dentre as que têm problemas com aprendizado 2 tem um membro na família que auxilia nas atividades escolares de casa 8 não.

8 - Quanto ao cruzamento renda familiar e quantitativo de pessoas na família, dentre as famílias que têm crianças com bom rendimento escolar encontrei a seguinte distribuição: um salário - uma família com 2 pessoas; dois salários - quatro famílias, sendo que há 4 pessoas em cada uma; três salários - três famílias, sendo que há 4 pessoas em cada uma; quatro salários - duas famílias, sendo que em uma há 7 pessoas e na outra 4. Já em relação às famílias com alunos com mau rendimento escolar encontrei: um salário três famílias, sendo uma com 4 pessoas, uma com 5 pessoas uma com 6 pessoas; dois salários- quatro famílias sendo, duas com 4 pessoas cada, e duas com 5 pessoas cada; três salários - duas famílias, cada uma com 4 pessoas e uma família não respondeu. Tal cruzamento me permitiu perceber que nas famílias em que há alunos com dificuldades de aprendizados a renda é menor e número de pessoas é maior.

9 - Quanto ao gostar da escola, dentre os alunos com bom rendimento escolar 9 responderam que gostam da escola e 1 respondeu que não, mas dentre os alunos com mau rendimento escolar 6 responderam que gostam da escola e 4 responderam que não.

10- Relacionamento afetivo com o professor, dentre os alunos com bom rendimento escolar 9 responderam que gostam de suas professoras e 1 respondeu que não. Mas dentre os alunos com mau rendimento 4 responderam que gostam de suas professoras 6 responderam que não.

11 - Quanto as funções da leitura e da escrita, 10 alunos com bom rendimento escolar 4 responderam para ter um futuro melhor e 6 para ter uma boa profissão. Mas dos 10 com mal rendimento 1 respondeu para ter um futuro melhor 6 não souberam responder, 2 responderam para arrumar emprego e 1 respondeu não serve para nada.

12 - Dentre os alunos com bom rendimento 8 já foram ao cinema e dois não, dentre os com mau rendimento 5 já foram e 5 não.

13 - Quanto ao gostar de ler histórias, dentre os alunos com bom rendimento todos 10 gostam, mas dentre os com rendimento 3 gostam e 7 não.

14 - Quanto ajudar nas tarefas domésticas dentre os alunos com bom rendimento 5 ajudam e 5 não, dentre os alunos com mau rendimento 6 ajudam e 4 não.

15 - Quanto ao trabalho fora do lar, dentre os alunos com bom rendimento nenhum trabalha fora do lar, mas dentre os alunos com mau rendimento 9 não trabalham fora do lar e 1 trabalha.

Dentre essas justificativas, as que foram consideradas por mim mais significativas serão aprofundadas no próximo capítulo.

## 3 Capítulo

### Aprofundando algumas reflexões.....

#### 3.1. A relação entre fracasso escolar e a aprendizagem da leitura e da escrita

Em minha pesquisa sobre as causas do fracasso escolar surgiram muitas respostas que merecem uma análise mais profunda. Mas uma das que mais me afetou foram às respostas que obtive na seguinte pergunta. Em sua opinião *para que serve aprender ler e escrever?* Na verdade, quando fiz essa pergunta queria saber se os estudantes das classes populares reconheciam a função social da escrita e da leitura. Na hora da entrevista eu formulei a questão de diversas formas para descobrir se eles atribuíam uma função social à leitura e a escrita.

Os dez estudantes que não repetiram nenhuma série responderam rapidamente: *Para conseguir uma boa profissão, para ter um futuro melhor.* Essas afirmativas não garantem que eles têm conhecimentos da função social da escrita e da leitura, mas parecem mostrar que para esses estudantes a função da escrita e da leitura está associada ao trabalho e a produção, e ao seu meio de sobrevivência no futuro, e as realizações dos seus sonhos dependem desses conhecimentos. Logo esses estudantes têm um forte motivo que os impulsionam a aprender na escola. Mas o mesmo não aconteceu com os dez estudantes que já repetiram mais de uma vez e que são considerados pela escola como aqueles que têm dificuldades de aprendizado. A esses estudantes quando perguntei *para que serve aprender ler e escrever?* Seis não souberam responder, dois responderam em forma de pergunta. *È para arrumar emprego?*, um respondeu. *Para ter um futuro melhor.* Um respondeu. *Para nada*

A falta de resposta por parte de seis alunos, portanto, a maioria do grupo, fez-me refletir sobre as razões da ausência de um significado especial da leitura e da escrita para eles: talvez, não (re)conhecessem o papel excludente que a leitura e a escrita expressam na sociedade, ou mesmo pareciam não relacionar a necessidade dessa aprendizagem para futuras realizações.



De qualquer forma, essas revelações dos estudantes confirmam que a escola atual não está cumprindo uma de suas tarefas importantes que é favorecer uma escrita que tenha sentido para o aluno dentro e fora da escola. Vejamos a seguinte citação.

A escrita sem função explícita na escola perde o sentido; não suscita e até faz desaparecer o desejo de ler e escrever, a escrita na escola não serve para coisa alguma a não ser para ela mesma”. (Smolka, 2003 p.38)

De acordo com a autora a escrita não é apenas um objeto de conhecimento na escola. Como forma de linguagem, ela é constitutiva do conhecimento. Então não se trata apenas de “ensinar” (no sentido de transmitir) a escrita, mas de usar, fazer funcionar a escrita como interação na sala de aula.

Nessa citação observa-se que além do professor apresentar as diversas funções da escrita e da leitura ele deve apresentar também uma escrita e uma leitura que tenha sentido para o aluno e criar situações na sala de aula em que faça uso da escrita, como objeto de comunicação e de interação. Mostrar para que serve a leitura e a escrita no dia-a-dia e as suas funções.

Caso, isso não aconteça, a escrita e a leitura tornam-se sem valor. *A escrita sem função explícita na escola, perde seu sentido.* (Smolka, 2003, p.39)

Laura, uma menina de doze de idade, que está cursando a 2ª série do ensino fundamental de uma escola pública, é um exemplo das implicações do ensino da leitura e da escrita sem sentido, proporcionada pela escola. Ela mora em uma casa de dois cômodos e um banheiro, com a mãe, que não sabe ler nem escrever o padrasto e a irmã, que parou de estudar na 5ª série, e segundo a mãe também aprendeu muito pouco na escola.

Laura não sabe ler nem escrever, mas sabe fazer algumas continhas, a mãe dela disse que em matemática ela é boa, que as contas ela aprende e que decora números de telefone sabe mexer no telefone celular do padrasto melhor do que ele mesmo e em casa tem boa memória para aprender tudo.

A mãe de Laura fala que ela não sabe ler nem escrever, mas na verdade ela sabe escrever o próprio nome, conhece todas as letras e escreve até algumas palavras. Porém a

mãe acha que ela está muita atrasada na escola e que deveria saber muito mais porque ela está com 12 anos de idade, e está na escola desde quando tinha 5 anos de idade.

Quando perguntei a Laura *para que serve aprender ler e escrever?* ela não teve nenhuma resposta, mas eu insisti e perguntei: *Em que situação ler e escrever faz falta para você?* Mesmo assim ela não respondeu. Mas eu continuei insistindo e ela, muito embaraçada, respondeu em tom de pergunta *Para arrumar emprego?* Essa situação pode significar que Laura ainda não tem motivos para aprender ler e escrever, e que ela desconhece as funções sociais da leitura e da escrita e também não faz nenhuma ligação entre realizações futuras e o aprendizado, para ela ler e escrever ainda não tem nenhum significado especial.

Mas quando eu perguntei para que serve aprender fazer conta ela respondeu:- *Para contar o dinheiro e saber se o troco está certo.* Com essa resposta ela revelou que está aprendendo aquilo que é interessante para ela. Através dessa atitude pode se pensar que quando a leitura e a escrita tiverem importância para ela, ela aprenderá.

Quando perguntei a mãe da Laura porque sua filha não aprende na escola, ela respondeu:

*Acho que é porque quando ela tinha um ano de idade. Levou uma queda de cima da grade do berço e bateu com a cabeça no chão e ficou três dias no hospital, desmaiada. Mas depois disso eu voltei com ela no hospital e ela fez os exames e não deu mais nada. O médico falou que ela não tinha nenhum problema. Mas na escola eles acham que ela tem “problema de cabeça”, devido esse tombo e é por isso que ela não aprende. Assim que as coisas melhorarem um pouco eu vou levar ela ao médico. Porque ela já está com doze anos e não aprendeu a ler nem escrever.*

Pela fala da mãe, Laura já está estigmatizada. Tanto na escola, como em casa, Laura é a criança que não aprende porque levou uma queda quando tinha um ano de idade, sendo assim a responsabilidade pela falta do aprendizado, adquire uma natureza biológica.

E, mais uma vez a resposta para os problemas de aprendizado na escola é a medicalização do ensino.

Como escreve Victor Valla, no artigo *a Escola Pública do primeiro Grau é um serviço público, por 8 séries em 8 anos*

Tal é a confusão entre os professores, pais, e os próprios alunos sobre a questão da repetência, desempenho escolar e problemas

de aprendizagem, que se corre o risco de consolidar uma imagem sutil e ao mesmo tempo pernicioso: A de se confundir os problemas de aprendizagem e repetência com a própria capacidade de aprender (...) e toda problemática levantada sobre os distúrbios oriundos de problemas de parto, desnutrição e da pobreza em geral são vistos como causadores de problemas de aprendizados, freqüentemente tem seu desfecho num centro municipal de saúde e com a aplicação de um eletroencefalograma ou outro teste semelhante.(1994, pg18)

Outro estudante que me deixou bastante impressionada foi Paulo, ele tem dez anos de idade e está cursando a 4ª série do ensino fundamental, não repetiu nenhuma série, tira sempre boas notas nos trabalhos escolares e nas provas é um estudante de bom rendimento. Ele mora com o pai que tem problemas de alcoolismo, a mãe, e a irmã, em uma casa de dois cômodos e um banheiro. Ele é vizinho da Laura, estudante citada por mim anteriormente.

Quando perguntei ao Paulo *para que serve aprender ler e escrever*, ele respondeu imediatamente *Para ter uma boa profissão, eu vou ser médico, quando eu for médico, vou comprar uma casa grande e bonita para mim e a minha mãe morar*. E quando a mãe ouviu o falar ela sorriu com muita alegria e diz. *O Paulo sempre fala isso para mim*. A fala do Paulo não mostra que ele conhece a função social da escrita e da leitura, mas mostra com clareza que ele tem um objetivo a ser alcançado. É algo que está ainda longe dele, mas que a leitura, a escrita, e o aprendizado na escola, são indispensáveis para que este sonho se transforme em realidade.

O Paulo tem motivo forte e claro para aprender na escola e superar os obstáculos que surgem no seu cotidiano. Porém a motivação do Paulo não foi aprendida na escola e sim, em sua casa, nas dificuldades do dia-a-dia.

Pode-se observar que a motivação faz a diferença, uma criança motivada tem o porquê aprender, enquanto uma desmotivada não tem.

A maioria das famílias das classes pobres tem uma vida muito sofrida, convivem com diversos tipos de problemas entre eles a violência e o desemprego. Nessas comunidades há muitos jovens que foram excluídos da escola e estão envolvidos com o tráfico de drogas. Há também muitos jovens que terminaram o ensino Médio e não têm condições de continuar os estudos, e permanecem desempregados. Por tudo isso, somado as

dificuldades de aprendizado que a maioria das crianças apresentam na primeira série do ensino fundamental. A maioria das famílias deixa de acreditar nas mudanças benéficas que a educação pode proporcionar a seus filhos, e com isso se desanimam com a escola e passam para seus filhos esses mesmo sentimentos.

Uma das funções da escola é motivar seus alunos, mostrando para eles as vantagens que o aprendizado escolar pode lhes proporcionar. Mas isso raramente acontece, a seguinte citação nos traz pistas para pensar sobre as razões pelas quais a escola não consegue motivar seus alunos.

O abandono do Estado traz conseqüências profundas para a concretização da democracia na escola, com a depreciação da auto-estima (...). Pode se dizer que a depreciação da auto-estima é um dos motivos pelos quais a crise motivacional se instala na escola pública, atingindo a todos, indistintamente. Cada vez mais temos profissionais da educação e alunos descontentes com a escola. Na verdade há um preocupante lamento de abandono. São sujeitos com seus egos extremamente desabastecidos e por isso muito fragilizados e impotencializados. (Fortuna, apud Medeiros, 2000, p. 68)

Esse pode ser um dos motivos que faz com que crianças que chegam à escola com esperança de aprenderem e serem bem sucedidas, desanimarem e não corresponderem às expectativas da escola e acabarem sendo excluídas da mesma.

### **3.2 A FAMÍLIA E O DESEMPENHO ESCOLAR**

A família foi apontada pelos professores, como sendo a responsável pelo fato do estudante não corresponder às expectativas propostas pela escola. Os professores entrevistados alegaram que as famílias não colaboram com a escola: são desestruturadas, desinteressadas pelo aprendizado dos filhos, que os responsáveis trabalham fora de casa e as crianças ficam sozinhas em casa, que os alunos não fazem as atividades de casa e faltam as aulas.

Quando se pergunta o que são famílias desestruturadas? Os professores responderam são famílias com problemas de separação, alcoolismo, vícios de drogas,

prostituições, que brigam muito, tudo isso deixa a criança abalada emocionalmente e atrapalha o aprendizado.

È verdade que o perfil do que os professores denominam famílias desestruturadas é mais comum nos bairros mais pobres e nas favelas, porém, como afirma Colares e Moysés *em geral, (os professores) revelam seu desconhecimento sobre a vida concreta das pessoas com as quais lidam* (1996, p.175). Porque o que para eles é anormal e problemático, para as famílias dessas comunidades, na maioria das vezes é normal.

Eu tenho um exemplo que confirma esse fato, eu ministro aulas de reforço escolar para uma menina de 12 anos que está na 3ª série do ensino fundamental, considerada pela escola e pela família como atrasada no aprendizado escolar. A primeira vez que conversei com a mãe da menina ela disse para mim.

*As aulas têm que ser na sua casa, porque aqui em casa tem muita gente, e é difícil ficar em silêncio, eu me separei e carreguei meus três filhos, logo em seguida conheci o Wagner que também estava separado, só que a ex-mulher dele foi embora e deixou os quatro filhos com ele. Então nós ajuntamos nossas coisas e nossos filhos e viemos morar juntos aqui, deu certo porque ele precisava de uma mulher para cuidar dos filhos dele e eu precisava de um companheiro para ajudar sustentar os meus, por isso que a nossa família é muito grande, mas a gente vive bem, ele às vezes ele abusa da bebida alcoólica e a gente às vezes briga por causa disso, mas não é nada grave, daí a pouco a gente já esqueceu a briga e está tudo bem de novo eu gosto dele, porque ele é muito trabalhador, ele trabalha em dois empregos.*

Nessa família há sete crianças estudando e dessas sete crianças só uma apresenta problemas no aprendizado, as demais são todas bem sucedidas na escola. E além disso, mesmo com todas as dificuldades econômicas a mãe buscou uma explicadora para dar um suporte à criança com dificuldade. Por isso não podemos afirmar que filhos de pais separados têm problemas de aprendizado.

Uma família como essa é considerada pela escola como desestruturada. Contudo, o depoimento da mãe traz um belo exemplo de como as famílias das classes populares se estruturam para enfrentar seus problemas cotidianos.

Como afirmam Colares e Moysés (1996), a escola não conhece a realidade de sua clientela, por isso faz tantas afirmações infundadas.(p. 175)

A imagem que diretoras e professoras têm em mente ao se referirem às famílias de seus alunos revela acima de tudo, seu aprisionamento a uma concepção idealizada de família. A família que aparenta ter como padrão é abstrata, fruto de construções ideológicas das quais nem tem consciência (p.175)

A escola, especialmente, a pública desconhece a realidade das famílias das classes populares e está preparada para educar um estudante idealizado por ela, mas que é inexistente na sala de aula.

Por outro lado, os argumentos sobre o desinteresse dos pais também é uma questão que pode ser discutida. Para os professores as famílias das classes populares são desinteressadas porque não comparecem nas reuniões de pais para saber se o filho vai bem ou mal no aprendizado.

Contudo, o que vemos é que as famílias de classes populares dão várias demonstrações de sua preocupação em relação à educação de seus filhos. Provam isso na luta pela vaga na escola. Chegam muito cedo na fila, perdem dia de trabalho em função disso. Compram material escolar com sacrifício. As mães levantam cedo levam os filhos para a escola e depois vão trabalhar, muitas famílias se esforçam e pagam explicadoras para ensinar os conteúdos escolares aos seus filhos.

Enquanto os responsáveis vão levar e buscar as crianças na escola eles estão presentes na escola, mas permanece invisível para a escola e são rotulados como pais ausentes. A afirmação de Valla nos mostra como é contraditória a cobrança de que os responsáveis não se interessam pelo aprendizado dos filhos.

Os professores nas suas falas reclamam do fato de que as mães entram mais e mais no interior da escola para reclamarem do trabalho do professor. Acham que as mães querem se colocar no “nível” deles. Elas não respeitam mais os professores, e até estragam sua imagem com reclamações (1994, p.51)

Se as mães incomodam os professores é porque elas estão presentes, porém esse tipo de presença não interessa a escola porque nesse caso a mãe quer falar, e ser ouvida, quer reclamar de alguma coisa e escola não quer ouvir reclamações. Nós que estamos

estagiando em escolas públicas, presenciamos essa realidade as mães procurando e esperando para falar com a professora sobre os problemas do seu filho.

Para a escola só é considerada presença na escola, aquele comparecimento que configura uma obediência a uma solicitação e visa resolver o problema da escola.

Por outro lado, muitos responsáveis não se interessam em freqüentar as reuniões de pais, porque não vêem nenhum valor nessas reuniões, dizem que são chatas e demoradas, e que falam sempre a mesma coisa, falam mal das crianças, e a diretora da escola faz sempre as mesmas reclamações avisa que a criança não pode ir para a escola sem o uniforme, que se for sem uniforme não vai poder assistir aulas, e que não pode ir sem o tênis e fala.

*Elas não entendem que na casa da gente falta água e que quando chove os tênis das crianças ficam todos sujos de lama. Elas deixam a gente sem saber o que fazer se mandar à criança ir para a escola sem uniforme ou sem tênis não deixam as crianças estudarem, se não mandar a criança para a escola elas reclamam que a criança está faltando muito, e sempre faz reclamações das crianças. (depoimento de uma das mães entrevistadas)*

Os responsáveis não têm tempo porque trabalham e têm outros compromissos. Descobri até que tem escolas que obrigam os responsáveis comparecerem nas reuniões de pais, proibindo a criança de freqüentar as aulas, caso os responsáveis não compareçam na escola. Mesmo assim há quem mande outra pessoa da família ou um vizinho. Porque nessas reuniões, os pais só ouvem, e respondem algumas perguntas, não dão opinião em nada. Não seria essa uma das razões que os levam a concluir que é inútil comparecer a estas reuniões? Os pais não são reconhecidos pela escola e percebem que a sua presença não faz diferença não é a presença deles nestas reuniões que vai mudar a situação do problema de aprendizado do seu filho. Nesses encontros a escola cobra dos pais meios de melhorar o aprendizado dos filhos, porém eles já estão fazendo o que podem fazer.

Enfim, podemos observar que as reuniões de pais não são nada agradáveis, principalmente para quem tem filhos com problemas de aprendizado, porque estes só ouvem reclamações.

Como afirma Araújo,

A aparente falta de interesse em participar, na verdade significa uma resposta concreta que traduz a descrença da população em projetos políticos que, historicamente, não lhe têm sido favoráveis. (2003, p 107)

Um outro indicador da "falta de colaboração" das famílias com a escola, apontado pelos professores, são as faltas das crianças às aulas. Procurando analisar os motivos das faltas, conversei com os pais sobre a questão. As respostas que obtive mostraram que um dos problemas que eles têm no seu dia - a - dia é ter que forçar a criança a ir à escola. Os pais reclamam não saber as razões de seus filhos não gostarem de ir para a escola. Uma gripe já é motivo para ficar em casa, tudo é motivo para faltar a escola, disseram eles.

A afirmação de Colares e Moysés (1996) nos ajuda a entender o porquê de as crianças arrumarem tantos motivos para faltarem às aulas.

Nem se ouse indagar por que é preciso forçar a criança a ir a escola. Afinal, não é ela um espaço de emoções sadias, em contraste com a casa, com a rua? Também não se ouse lembrar que ser atrativa deveria ser tarefa primordial da escola (p.184 )

Será que a casa, a rua, os vizinhos não são mais interessantes do que a escola?

Outro motivo provocador das faltas das crianças são as exigências da própria escola, que não permite que a criança entre na escola sem uniforme, sem tênis. Como vimos anteriormente, nas residências das pessoas das classes populares falta água para lavar o uniforme e o tênis, e às vezes a mãe não tem tempo para lavar o uniforme ou mesmo chove e a roupa não tem tempo útil para secar. Em dias de chuva muitas crianças não têm guarda - chuva para ir à escola. Tudo isso faz com a criança falte á escola, porém muitas vezes a escola não olha para si mesma, e sem refletir acusa os responsáveis de não colaborar com ela.

Um último fator que tem gerado acusações de desinteresse da escola sobre a família são as lições de casa não feitas pela criança. A escola não conhece a realidade de muitas famílias, quando eu estava fazendo a pesquisa estive em um lar que só tinha dois cômodos e nele moravam seis pessoas. Nesta casa não tem cama, nem mesa, as pessoas dormem no



chão e comem sentadas no chão, e como essa, existem muitas outras famílias nas mesmas condições. Como pode querer que crianças como essas, façam suas lições de casa, se elas não têm nem mesa para escrever.

Outra razão para que as atividades de casa não sejam feitas, como afirma Darcy Ribeiro é porque:

Na maioria das famílias brasileiras das classes pobres não há uma pessoa que tenha o ensino fundamental completo e esteja desocupada e pronta para tomar conta das crianças e estudar com elas, a escola não tem o direito de esperar isto. Funcionando na base dessa falsa expectativa ela é uma escola hostil a sua clientela.(1985, p.17)

A escola também não enxerga essa realidade e cobra dos pais, as atividades de casa, como se criança tivesse pais letrados, vejam o que diz Colares e Moysés (idem) a esse respeito.

A escola parece ter se esquecido que estes pais também já passaram por seus bancos e também não conseguiram a chave que lhe daria acesso á aprendizagem, pois se passa como se a criança tivesse o dever de descobrir, (...).Estes pais foram na maioria das vezes crianças que em si mesma ou no exterior, também fracassaram e não encontraram a chave.(1996, p.185)

Não adianta colocar a culpa do fracasso escolar nas famílias das classes populares. Porque a maioria dessas famílias também é frustrada porque não ter conseguido aprender na escola. A escola precisa conhecer a realidade das famílias e aceitá-las. Ir até a comunidade ver de perto seus problemas, ouvir as famílias e dar a elas o direito de participação, ao invés de pedir a colaboração da família á escola deveria colaborar com a família cumprindo com o seu papel que é ensinar ler e escrever.

### **3.3 A POBREZA E O FRACASSO ESCOLAR**

Os professores apontam a pobreza como um fator determinante para o fracasso escolar, em suas respostas aparecem as seguintes afirmações. *Crianças com fome não*

*aprendem. Crianças desnutridas têm problemas de saúde que impedem o aprendizado. Crianças mal nutridas estão sempre cansadas com sono e desanimadas.*

Muitos autores que estudam as causas do fracasso escolar também apontam as conseqüências da pobreza como sendo uma das causas do fracasso escolar. Porém, eles têm um olhar mais amplo e vêem a pobreza de outra forma.

Vejam o que diz Carlos Henrique Araújo, no artigo “Exclusão Educacional, publicado no Jornal de Brasília, em 11/ 12/ 2003: *As conseqüências da pobreza atrapalha o aprendizado e desmotiva o estudante levando-o a abandonar a escola*”. Observamos que o autor não fala a pobreza, e sim as conseqüências da pobreza.

Se a pobreza tem conseqüências que causa o fracasso escolar, temos que analisar as causas que produzem a pobreza. Há os que responsabilizam nossas raízes históricas, há outros que culpam o modelo econômico capitalista. Em outro capítulo falarei sobre esses fatores, no momento vou falar sobre a pobreza que é gerada no campo e migra para a cidade, causando o fracasso escolar tanto no campo como na cidade.

De acordo com Darcy Ribeiro, “ *o tamanho fracasso educacional não reside em nenhuma prática pedagógica. Reside, isto sim, na atitude das classes dominantes brasileiras para com o nosso povo.*”(1985, p. 14)

Uma das causas da pobreza, que tem suas raízes ainda no período colonial, é uma distribuição extremamente desigual das terras. A falta da reforma agrária gera pobreza no campo e na cidade.

No espaço rural brasileiro, milhões de pequenos agricultores, que cultivam a pequena agricultura de subsistência ocupam apenas cerca de 2% da área total das propriedades, porém nesse pequeno espaço estão os que não possuem nenhuma terra que são arrendatários e empregados. Por outro lado, um pequeno número de estabelecimentos rural ocupa 35% da área total. (Fonte: IBGE mapa geográfico escolar, Rio de Janeiro 2002, p. 132 )

Atualmente no campo predomina a grande agricultura comercial, destinada á exportação, que utiliza máquinas e produtos químicos modernos. Com o aumento da venda desses produtos, eles aumentaram seus preços.

O pequeno produtor normalmente não compra máquinas modernas, eles usam o trabalho braçal e toda a família trabalha na agricultura, mas precisam comprar adubos, fertilizantes e inseticidas contra as pragas, e ferramentas para trabalhar na terra. Porém, é muito difícil para eles adquirirem esses produtos, porque não recebem nenhum financiamento do poder público. Mas para as grandes empresas agrícolas são muito fáceis, porque o governo facilita o financiamento, para incentivar e aumentar o lucro dos grandes empresários.

Dessa forma o rico fica mais rico, e o pobre fica mais pobre, e assim aumenta a desigualdade social no campo.

O pequeno agricultor sem ter condição de produzir o necessário para sustentar sua família acaba vendendo sua pequena propriedade para um grande empresário, e acaba se tornando um “empregado” dele. Prestando trabalho temporário na época da colheita, não tem as garantias trabalhistas ganham um salário de fome, a maioria vive sem energia elétrica, sem água potável e sem escola para os filhos.

Por isso abandonam o campo e procuram as cidades, em busca de uma vida menos sofrida, com a esperança de arrumar um emprego na indústria, e escola para seus filhos.

Quando chegam às cidades, sem escolaridade, sem experiências, a situação fica muito difícil, e o jeito é alugar um “barraquinho” em uma favela. Coloca as crianças na escola, mas elas não aprendem, porque a escola não foi pensada para elas.

Como afirma Patto (1990)

Os currículos escolares são planejados partindo do pressuposto de que a criança já domina certos conceitos elementares, que são pré-requisitos para a aprendizagem. Isso pode ser verdadeiro para aquela que, na família, aprendeu esses conceitos; mas não o é para as que vivem em ambientes culturalmente pobres, quanto a conteúdos que são típicos das classes economicamente favorecidas. (p. 121)

E assim a pobreza vai só aumentando. Porém é difícil qualquer mudança no sentido de amenizar a pobreza no campo e conseqüentemente na cidade, porque no sistema capitalista a acumulação de terras e a agricultura não representam um grande aumento do capital. Mas no Brasil ser dono de terras significa ter poder, e as oligarquias pretendem

ficar no poder e manter seu prestígio, e ao mesmo tempo os governantes precisa do apoio das oligarquias. Vejamos a seguinte análise de Martins (1993)

No caso brasileiro, os militares constataram que se a propriedade da terra representa um empecilho ao desenvolvimento do capital na agricultura, é necessário remover esse empecilho, sem impugnar ou limitar o direito de propriedade, que ocorreria através da nacionalização da propriedade ou através da reforma agrária.(p. 87)

Porém, o governo brasileiro optou pela nacionalização da propriedade e ofereceu o incentivo fiscal aos grandes latifundiários, dessa forma se tornou lucrativo ser dono de uma grande propriedade no campo e investir na agricultura para exportação, atualmente os grandes bancos as grandes indústrias e as empresas são proprietárias de terras.

Como afirma Martins (idem), *enquanto eles recebem uma compensação paga pelo Estado, a sociedade inteira paga pela renda da terra, a sociedade inteira socializa o pagamento da terra para beneficiar esses capitalistas que se tornaram proprietário.*(p. 88)

Dessa forma a reforma agrária não acontece, porque a terra já tem seus donos, os quais não abrem mão dela. Então podemos concluir que pobreza no campo que migra para as grandes cidades é fruto de uma política irracional que beneficia apenas um pequeno grupo de capitalistas e empobrece toda a sociedade.

As famílias pobres moram em bairros marcados pelas desigualdades sociais, que na maioria das vezes é conhecido como favela. Nestes bairros as pessoas normalmente possuem poucos recursos financeiros, são desempregadas, subempregadas e as que têm um emprego recebem salários baixos e são muitas pessoas ocupando pequenos espaços. Convivem com a violência, com muitas doenças o descaso das autoridades. Nesses bairros quase sempre falta água potável e saneamento básico.

Os moradores dessas comunidades têm seus hábitos e tradições de acordo com o local onde vivem, e têm também uma linguagem comum, em que algumas palavras têm significados diferentes daquele entendido pela língua culta e possuem expectativas diferentes das crianças da classe média, eles possuem a sua própria cultura, mas que nem sempre é reconhecida e aceita pela escola. Para entendermos melhor porque a escola age dessa forma recorreremos ao que nos esclarece a seguinte afirmação:

Os professores não entendem ou discrimina seus alunos de classe baixa por terem pouca sensibilidade e grande falta de conhecimento a respeito dos padrões culturais dos alunos pobres, em função de sua condição de classe média. (Patto, 1991 p.124)

As crianças das classes médias chegam nas escolas bem nutridas, motivadas pelos pais, quase sempre com a promessa que se aprender bem na escola, no final do ano letivo ganhará um presente e vai viajar e se divertir muito, seus pré-conhecimentos se encaixam com o da escola e os professores falam a mesma língua dos seus pais.

As crianças das classes populares chegam má nutridas, sem nenhuma promessa que lhes dê motivos para aprender, e na maioria das vezes, já rotuladas como incapazes, sua cultura não é aceita pela escola, deparam com pessoas, hábitos e linguagens, diferentes, tudo isso cria uma dificuldade muito grande de adaptação. Os alunos se sentem em um mundo desigual, o qual não foi planejado para eles.

Sabemos que as formas de relações vivenciadas nas favelas e bairros pobres não são as mesmas vivenciadas na escola. A escola discrimina as culturas das classes populares, não aceita, nem entende a sua linguagem, pois foi idealizada pela elite e para elite, sendo assim não sabe agir corretamente mediante as características apresentadas pelas classes populares.

Vejamos o que diz Magda Soares (2001),

Na luta pela escola pública, o povo ainda não é o vencedor. Não há escola para todos e os que conseguem entrar na escola, a maioria não conseguem aprender ou ficar na escola. A escola rejeita as camadas populares. Pois a escola não fala a mesma linguagem que as classes populares.(p. 8)

Esta questão da linguagem é determinante para o aprendizado, porque quando o aluno não entende a fala do professor, isto é, ele não atribui significado ao que ouve, também não entende o conteúdo explicado pelo mesmo. E, por outro lado, quando o aluno faz uma pergunta que o professor demora entender ou “corrige” imediatamente, adaptando-a à linguagem culta, o aluno se sente envergonhado, e passa a não fazer mais perguntas e com isso não tira suas dúvidas.

Vou narrar aqui um fato que me aconteceu no ano de 2006.

Eu estava ministrando aulas de reforço escolar em uma Igreja para alunos de classes populares. Nessas aulas a primeira tarefa do professor era ajudar o aluno a fazer as atividades de casa. Ao pegar o caderno de um menino de 8 (oito) anos que estava cursando a 2ª série em uma escola pública, estava escrito:

Atividades para casa

1 - Arme e efetue

a)  $23+12 =$

b)  $45+13 =$

c)  $65+12 =$

Eu disse para o aluno, vamos fazer as continhas!

Ele olhou para o caderno e disse: -

*Tia como é o efetue? Arme eu já vi, nas mãos da polícia que sempre vem aqui, mas o efetue eu nunca vi.*

Naquele momento, fiquei confusa pensando como iria explicar a ele sem que os outros colegas percebessem o engano, mas tive que esclarecer o que à escola parece óbvio: O que é arme e efetue?

O significado da palavra efetue era totalmente desconhecida para ele, e o contexto também não ajudava, para que ele pudesse entender o que estava lendo. Na tentativa de dar um sentido para a palavra, ele perguntou a mim, mas não perguntou a professora na escola, pode se pensar que talvez na escola ele sentia-se constrangido para fazer tal pergunta.

A palavra armar, como tantas outras, também tem múltiplos significados, dependendo do contexto no qual está inserida. Nesse caso, o contexto não oferecia "pistas" das quais ele pudesse se valer para inferir um significado diferente daquele que conhecia em seu cotidiano. Conseqüentemente, o aluno relacionou a palavra às suas experiências anteriores, logo ele levantou uma hipótese, com base no significado que conhece da palavra arma no seu contexto social e funcional.

Esse fato mostra que os alunos das classes populares podem dar significados diferentes, do da língua culta para as palavras.

Vejamos o que nos esclarece Smolka(2003):

.O processo de elaboração mental da criança, na construção do conhecimento sobre a escrita que inicialmente passa pela linguagem falada, fica terrivelmente dificultado porque a escrita apresentada na escola é completamente distanciada da fala das crianças (...) das classes populares. (p. 58 )

Mas a escola e a norma culta não permitem que o professor se expresse de outra maneira. O professor acaba não percebendo, que às vezes está falando, “em outro idioma”, para os alunos das classes populares. E se torna muito difícil para a criança aprender a escrever aquilo que ela ainda não aprendeu a falar.

Olhando com mais profundidade percebemos que o fracasso escolar não pode ser associado à pobreza (falta de recursos financeiros necessário à vida) e suas conseqüências como a desnutrição.

Observaremos a seguinte afirmação:

( ...)” È possível afirmar hoje que a fome não é causa significativa de fracasso escolar. A medicina vem se dedicando há décadas ao estudo dos efeitos da desnutrição no homem, mas não há uma concordância sobre o tema. O que está claro que a desnutrição leve não impede a aprendizagem”.( Valla e Hollanda, 1994, p. 58).

Com relação à saúde e a desnutrição percebemos que estes fatores não são determinantes, pois existem estudos que comprovam que mesmo desnutrida e possuindo alguma deficiência leve de saúde a criança aprende os conteúdos escolares, como uma outra qualquer que não possui os mesmos problemas.

### **3.4 A CULPA É DO ALUNO**

Um número significativo das respostas sobre "as causas do fracasso escolar" que encontrei em minha pesquisa apontava para o próprio aluno.

Alguns professores responderam:

*A culpa é da própria criança, porque tem muitos alunos que não se interessam pelo aprendizado, não copiam as deveres do quadro, não fazem as atividades de*

*casa, conversam durante toda a aula, não prestam atenção quando o professor explica e faltam muito.*

Quando fiz a mesma pergunta para os pais dos alunos com baixo rendimento escolar, a resposta foi a mesma.

*A culpa é da criança que não presta atenção nas aulas, não gostam de estudar, não gostam de ir para a escola, e alguns disseram que a criança até inventa que está doente para não ir a escola, e só querem saber de brincar.*

Mas conversando com esses pais e responsáveis percebi claramente que essa conclusão que eles chegaram teve origem em uma conversa entre eles e os professores dos seus filhos.

*Recebi um bilhete e tive que ir a escola e lá a professora disse que ele (a), não presta atenção na aula, conversa muito na sala e não faz as atividades de casa e falta muito. Que é para eu dar um jeito, eu falo mais não adianta nada, ele (a) não gosta de estudar.*

Quando fiz a mesma pergunta para os alunos; uns não souberam responder, outros responderam:

*Os deveres são difíceis de copiar e a professora apaga o quadro antes de eles copiarem, que não entendem o que a professora explica, tem medo de fazer perguntas e a professor abrigar e os outros colegas rirem deles.*

Porém o que a princípio é estranho é que esses mesmos alunos, na faixa etária de 9 (nove) a 12 (doze) anos, respondem que gostam da escola e do professor, embora não consigam justificar suas respostas. Já os que têm mais 13 (treze) anos falam abertamente que não gostam da professora nem da escola e justificam suas respostas, dizendo.

*A professora dá “fora na gente,” não deixa ir ao banheiro nem beber água ela é muito chata.*

Essa situação talvez indique que as crianças de nove (nove) a (doze) anos, ou são ensinadas a falar que gostam da escola e do professor ou respondem assim porque pensam que essa é a resposta que o pesquisador quer ouvir e só na adolescência é que elas adquirem coragem de falar o que sentem.



Pela afirmação de pais e professores vimos que a maioria das crianças das classes populares (porque foi em uma comunidade da classe popular que fiz minha pesquisa) não se interessa pelo aprendizado na escola.

Isso acontece porque o que a escola está ensinando não está interessando os alunos, na maioria das vezes não está ao alcance do seu entendimento, ora, porque não entendem a linguagem do professor, ora, porque não sabem ler o que está escrito no quadro, quase sempre faltam aos alunos conhecimentos prévios e falta ao professor um método adequado.

Como exemplo, vou citar o caso de uma aluna que foi excluída escola na 2ª série do ensino fundamental, quando tinha 10 (doze) anos de idade, hoje ela está estudando na EJA, ela disse:

*A professora passava um texto enorme no quadro para agente copiar, o texto e as perguntas e depois interpretar o texto, e responder as perguntas. Quase nenhum aluno conseguia, eu não conseguia copiar o texto, porque eu não sabia ler o que estava escrito no quadro, então copiava uma letra de cada vez. Quando ela ia corrigir as respostas eu ainda estava no início da cópia do texto. Ela apagava o quadro e eu não copiava, e ela brigava comigo, mandava eu deixar de ser “lerda”. Eu acabei desistindo de estudar, mas agora com 15 (quinze) anos eu voltei a estudar e agora estou aprendendo a ler.*

Nesse caso as atitudes do professor colaboraram para que ela fosse excluída da escola. Porque além da dificuldade de aprender o conteúdo, ela sofria com a incompreensão da professora que invés de ajudá-la, preferia criticá-la.

Sabemos que a relação de ensino e aprendizado entre o professor e o aluno influi no aprendizado.

No meu cotidiano trabalhando como professora de reforço escolar, conheço vários casos em que houve desentendimento entre o professor e o aluno, e a partir daí o aluno perdeu o interesse pelo aprendizado.

Em 2007, no ano passado, fui procurada por uma mãe de classe média, solicitando o meu trabalho.

O filho dela tinha 12 (doze) estava cursando a 6ª série em uma escola da rede particular considerada a melhor do bairro e sempre teve muita facilidade de aprendizado. Mas naquele ano já tinha tirado nota abaixo da média em duas avaliações de matemática,

fez a prova de recuperação, mas não se recuperou. E ela tinha sido chamada na escola e foi informada que se seu filho não melhorasse muito, em matemática, ele iria ficar em dependência. Nas outras disciplinas ele estava muito bem o problema era só em matemática.

Conheci Daniel e comecei a ensinar matemática para ele. Surpreendi-me com a tamanha facilidade de entendimento e aprendizagem que o aluno apresentava. Então, assim que fomos nos acostumando um com o outro eu perguntei o que tinha acontecido em matemática, para que ele parasse de aprender. Ele respondeu; *não gosto do professor, ele é um ignorante, fez queixa de mim na secretária e para a minha mãe*. Nesse momento a mãe que estava bem próximo prestando atenção no que eu estava fazendo, disse rapidamente: *foi porque ele respondeu o professor*. Eu mudei de assunto não me senti íntima para perguntar o que havia acontecido.

Mas era a primeira vez que o aluno apresentava problemas de aprendizado, e isso estava acontecendo exatamente na disciplina ensinada por um professor que o aluno não tinha a menor consideração, e só atribuía a ele o adjetivo ignorante.

Não tive nenhuma dificuldade de ensinar matemática para o Daniel, ele é daqueles alunos que basta o professor apresentar as bases para o raciocínio, ele conclui o mesmo e constrói o conhecimento. Ele passou de série com bom aproveitamento. A maior parte do trabalho que eu tive foi o de ensiná-lo a ser um vencedor, mediante a uma situação adversa. Trabalhei com ele o tempo todo afirmando. Mostra para o seu professor que apesar dele, você está aprendendo e que você é capaz. E foi assim que superamos o problema de aprendizado em matemática.

Porém essa situação aconteceu com um aluno de classe média, mas sabemos que desentendimentos desse tipo acontecem todos os dias com alunos das classes populares.

Vejamos o que nos ensina Marlene Rodrigues (1976)

Quando o professor repreende o aluno porque as atividades não estão corretas, ou por uma resposta errada. Ele coloca medo no aluno que passa a querer só reproduzir e não produz nada, daí pode surgir o fracasso escolar (p 38).

Isso é o que acontecem com muitos alunos, eles não aprendem porque os professores cometem muitos erros. E colocam a culpa no aluno, e o pior, convencem a família que a culpa é do aluno. Nesse caso a criança fica totalmente carente de compreensão, e em busca de algum tipo de apoio muitas vezes acabam se aproximando de pessoas que não são da família nem da escola, e isso pode levá-la a lugares obscuros e perigosos.

### **3.5 CULPA DO SISTEMA EDUCACIONAL**

Para muitos profissionais da educação a culpa do fracasso escolar é do sistema educacional que não paga o salário compatível com o trabalho do professor, o professor é obrigado a trabalhar em mais de uma escola, as salas de aulas são lotadas, quatro horas é muito pouco tempo para ministrar todo o conteúdo exigido, falta material didático adequado e outros.

Para começarmos a analisar essa questão vamos observar a seguinte afirmação.

No interior do discurso modernista, o conhecimento aparece envolto por um modelo europeu de cultura e civilização inspirado em uma sensibilidade de elite que distingue e descarta com frequência a cultura popular ou a cultura de massa (...). Sabe-se que a escola se organizou historicamente sobre uma prática monoculturalista, por meio da transmissão de saberes que, embora com pretensão de universalidade convertida em referências, fez-se desigual e seletiva ( Dalben, 2003, p. 96)

Entendemos que a causa do fracasso escolar no Brasil tem raiz histórica, que a escola foi pensada pela elite e para a elite por essa razão se tornou excludente para a classe popular. A afirmação anterior nos faz refletir sobre o nosso primeiro modelo de Educação, que foi na época da Colônia, *que só tinha o objetivo de educar alguns homens pertencentes à elite para o exercício do poder.* (Ribeiro,1985, p.18)

Na época do Brasil colônia a classe dominante eram os senhores, donos de escravos, esses senhores eram também donos do poder. Naquela época eles enriqueciam explorando

o trabalho escravo, porém agiam dentro da lei porque naquela época era lícito, ser dono de pessoas, e explorá-las, maltratá-las e enriquecer a custa do trabalho não remunerado. Mas depois de muita luta dos escravos, e de alguns seguimentos da sociedade a escravidão foi abolida. Contudo, a classe dominante, os senhores do poder criaram outro meio aparentemente lícito, de manter seus privilégios e continuar enriquecendo a custa da exploração de uma grande quantidade de pessoas, como era no tempo da escravidão.

Planejaram e construíram uma escola pública seletista, excludente que mantém uma camada da população, analfabeta e sem nenhuma capacidade de lutar pelos seus direitos de cidadão. Essas pessoas continuam sendo exploradas, oferecendo mão-de-obra barata, e sendo manipuladas. Quem nos ajuda a entender melhor essa questão é Darcy Ribeiro.(1985),

Nosso descalabro educacional vem da Colônia, que nunca quis alfabetizar ninguém, ou só quis alfabetizar uns poucos homens, para o exercício de funções governamentais. Vem do Império que por igual nunca propôs a educar o povo. A República não foi mais generosa e nos trouxe a calamidade na educação.( p. 18)

De acordo com a citação acima podemos afirmar que a deficiência no sistema educacional, não é recente, e tem raízes históricas profundas, visa manter a desigualdade social, para que uma pequena classe seja beneficiada, enquanto uma grande maioria sofre o descaso e o abandono. De acordo com Darcy Ribeiro (1985) muitos estudiosos culpam o sistema capitalista como determinante para o fracasso escolar. Mas ele não pensa assim e declara “*Se olharmos para o que os capitalistas fizeram, na educação da América do Norte, vemos que a culpa não está no capitalismo, e sim no modelo econômico brasileiro*”(idem, p. 20)

A elite brasileira necessita de uma camada social que preste um trabalho desqualificado para formar um grupo de desempregados. Para poder manter os salários baixos, e ter sempre trabalhadores ganhando esses baixos salários, e se sentindo feliz e agradecido por estar empregado.

Mas para isso é necessária a desqualificação da educação pública, para que as pessoas desempregadas troquem sua força de trabalho por um salário que não é suficiente para manter suas necessidades básicas, e muitas vezes até por um lugar para morar.

Por mais que a educação seja definida por lei, como um direito, muitos cidadãos não podem usufruir deste direito. Como afirma OLIVEIRA (2000) *a qualidade da educação oferecida á população, de modo geral é determinada pela elite que visa oferecer apenas o que lhe convém.*(p. 96).

Então podemos concluir que o nosso sistema educacional não é favorável nem aos professores nem aos alunos e nem as comunidades pobres que depende dele, porque o objetivo da elite é obter privilégios através da desigualdade social.

## Considerações finais:

O fracasso escolar continua a ser uma questão complexa que carece ainda de pesquisas e estudos. Contudo, as pesquisas já mostraram e o presente confirma que não se trata de uma questão individual, mas coletiva e social e que não será resolvida apenas apontando possíveis culpados.

Valla e Holanda (1994) ao nos alertar sobre a questão do fracasso escolar defendem que *o fracasso escolar pode ser entendido como negação da cidadania na medida em que a população não tem acesso aos bens universalmente distribuídos. Ser cidadão é ter direitos* (p. 66)

Sendo assim, é preciso que as classes mais desfavorecidas lutem pelo atendimento destes direitos que estão sendo negados ou oferecidos de maneira ineficiente, a começar pela educação, pois segundo Garcia (2006), *precisamos de uma escola, em que os alunos e alunas sejam potencializados para mudar o mundo e, mudando o mundo, mudarem suas vidas* ( p. 45).

Deste modo se torna necessário que o coletivo, busque reverter esta situação, ou seja, a escola precisa abrir suas portas para que as famílias e comunidade possam participar do processo de ensino-aprendizagem. Assim como população e instituição escolar devem reivindicar frente às autoridades melhorias nas condições das escolas e a valorização dos profissionais da educação. Portanto será uma conquista da população, que estará beneficiando as crianças e podendo potenciá-las para a possível transformação do país.

O presente trabalho possibilitou compreender como alguns profissionais da educação, pais e estudantes vêem o sentido da escola e a quem eles atribuem a culpa/responsabilidade pelo fracasso escolar.

Porém, aprendemos que não há um único responsável pelo fracasso escolar e que não basta culpar ou apontar causas, mas sim buscar através de movimentos sociais organizados, os caminhos para solucionar esta questão.

## Referências Bibliográficas

ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais. Pesquisas Quantitativas e Qualitativas, O Debate Contemporâneo Sobre os Paradigmas*. São Paulo: Pioneira, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Método nas Ciências naturais e sociais. Pesquisas qualitativas e quantitativas, Planejamento de pesquisas Qualitativas*. São Paulo: Pioneira, 1998.

ARAÚJO, Carlos Henrique & LUZIO, Nildo. *Para Superar o Fracasso Escolar*. Artigo Publicado no Jornal de Brasília: 30 –10 –2005. Online:disponível na Internet via http// Inep.

\_\_\_\_\_. *Exclusão Educacional*, artigo publicado no Jornal de Brasília:11-12-2003. Online disponível na internet via http //Inep.

ARAÚJO, Mairce da Silva. *O ambiente alfabetizador em questão: a luta pela qualidade de ensino nas escolas das classes populares*. Tese de doutorado.Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

BRAMOWICS, A. Anete & MOOL, Jaqueline. *Para Além do Fracasso Escolar*. São Paulo: Papirus, 1997.

DALBEM, Ângela Imaculada L. de Freitas. *Políticas Educacionais: Práticas Escolares e Alternativas de Inclusão*. Rio de Janeiro: Alternativa, 2003

DARCY Ribeiro. *Apostila Degrau Cultural Reproduzida do livro CIEP*. Rio de Janeiro: Bloch,1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Política e Educação*. São Paulo: Cortes, 2003

GARCIA, Regina Leite.org. *Alfabetização das classes populares, ainda um desafio*. 6ª ed. São Paulo: Cortes, 2006.

IBGE *Mapa geográfico escolar*. Rio de Janeiro: Moderna 2002

LOBO, Carla Mariana das Neves & CARVALHO, Sonia. *Caminhos Percorridos no Cotidiano da Prática Docente*. Niterói: Intertexto, 2005.

MARTINS, José de Souza. *A Chegada do Estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

MEDEIROS, Arilene Maria Soares. *Administração Educacional e Racionalidade*. Ijuí: Unjuí: 2007.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. *Institucionalização Invisível*. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_.& COLARES, Cecília. *Preconceito no Cotidiano Escolar*. São Paulo: Cortes, 1996.

OLIVEIRA, Anne-Marrie Milon. *Brasil 500 anos de interdição de ler*. In Revista Tempo e presença, 2000

PATTO, Maria Helena Souza. *A Produção do Fracasso Escolar*. São Paulo: A J Queiroz, 1990.

\_\_\_\_\_. *Introdução á Psicologia Escolar* Editorano: Casa do Psicólogo, 1997.

RAMOS, Marcilio Rocha. *Fracasso da Escola, Fracasso dos Pais*. Online: disponível a Internet via [http:// www.faced.ufba.br](http://www.faced.ufba.br)

SMOLKA, Ana Luiza Buatamante. *A criança na fase inicial da escrita: A alfabetização como processo discursivo*. Campinas, São Paulo: Cortes, 2003.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola*. São Paulo: Àtica, 2001.

VALENTE, Maria Helena. *Fracasso Escolar e Problemas de Família*. São Paulo: Arte e Cultura, 1995.

VALLA, Victor Vicent. O Sucesso Escolar Um desafio Pedagógico nº28 Caderno Cedes,Campinas, São Paulo: Papyrus, 1992.

\_\_\_\_\_.& HOLLANDA, Eliane. *Escola Publica, Educação, Saúde e Cidadania*. In: VALLA Victor Vicente & Stotz Eduardo Navarro. Org. Educação Saúde e Cidadania. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.



## **ANEXOS**